

Artigos



# O movimento grevista pré-revolucionário na Rússia (1912-1916)<sup>1</sup>

Kevin Murphy

Professor de História Europeia na University of Massachusetts (Estados Unidos)

<sup>1</sup> Tradução de Sávio Cavalcanti e revisão técnica de Daniela Mussi

### **O movimento grevista na Rússia pré-revolucionária (1912-1916)**

**Resumo:** O movimento grevista na Rússia pré-revolucionária entre 1912 e 1916 foi um dos mais espetaculares na história do movimento dos trabalhadores em nível mundial. Na medida em que os historiadores do movimento dos trabalhadores tenderam a focar sua atenção nos anos revolucionários de 1905 e 1917, a onda de greves antes de 1917 permanece fundamentalmente desconhecida. Em termos do número de participantes e das reivindicações políticas, no entanto, o prolongado movimento não teve precedentes. Ao examinar as greves por fábrica, este artigo sustenta que os revolucionários, em particular os Bolcheviques, atuaram como catalizadores do movimento. A presença ou ausência de agitadores revolucionários, mesmo no nível da fábrica, determinaram se os operários participaram ou não das ações grevistas.

**Palavras-chave:** Greves; Partido Bolchevique; Rússia

### *The Prerevolutionary strike movement in Russia (1912-1916)*

**Abstract:** The prerevolutionary strike movement in Russia from 1912-1916 was one of the most spectacular in world labour history. Because labour historians have tended to focus their attention on the revolutionary years of 1905 and 1917, the strike wave before 1917 remains largely ignored. In terms of the number of participants and political demands, however, the prolonged movement was unprecedented. Examining strikes at the factory level, this essay argues that revolutionaries, particularly the Bolsheviks, acted as catalysts for the movement. The presence or absence of revolutionary agitators, even at the shop level, determined whether workers participated in the strike actions.

**Keywords:** Strikes, Bolshevik Party; Russia

O movimento grevista nos tempos da Rússia revolucionária sempre despertou o interesse, tanto de militantes socialistas quanto de pesquisadores e acadêmicos. É célebre, por exemplo, a tentativa de Rosa Luxemburg em examinar a atitude ambivalente da social-democracia em relação à “greve de massas”, baseada na experiência das revoltas de 1905, “como a primeira experiência histórica em larga escala [que detinha] os meios de luta” (LUXEMBURG, 1906). A greve de massas de fevereiro de 1917, seu melhor exemplo, rapidamente progrediu em uma revolta geral que derrubou o Czar Nicolau II e, ao longo de 1917, como fora em 1905, mais de dois milhões de trabalhadores entraram em greve (BURDZAHALOV, 1987; KOENKER; ROSENBERG, 1989).

Ainda que os historiadores, compreensivelmente, tenham se concentrado nestas duas revoluções, a onda grevista do período “pré-revolucionário”, de 1912 a 1916, não é menos espetacular. Ao total, dois milhões e meio de trabalhadores participaram das mais de trinta greves políticas realizadas entre abril de 1912 até o fim de 1916; e outros 1,8 milhão cruzaram os braços por ocasião de greves econômicas (HAIMSON; BRIAN, 1992, p. 445). O epicentro desse movimento foi a cidade de São Petersburgo (posteriormente, Petrogrado), onde mais de 50 mil trabalhadores, motivados por várias causas, deflagraram

greve por 23 vezes, em uma atmosfera politicamente carregada durante todo esse período (McKEAN, 1990, p. 495-498)

A historiografia desse movimento concentrou-se nos instigadores dessas ações. Historiadores soviéticos retrataram esse movimento como de inspiração bolchevique (MINTS, 1967), enquanto historiadores ocidentais tentaram diminuir a influência leninista alegando que os bolcheviques eram apenas um dos vários atores, entre social-democratas e socialistas revolucionários (McKEAN, 1990). A avaliação de Leopold Haimson está num ponto intermediário entre esses dois extremos ideológicos, ao afirmar que os bolcheviques proporcionaram um “papel catalítico significativo” (HAIMSON, 1964; 1965). Dez das maiores paralisações pré-guerra envolveram ações conjuntas de várias tendências socialistas (McKEAN, 1990, p. 128). Porém, o diretor do Departamento de Polícia observou, no final de 1913, que “a facção dos leninistas é sempre mais bem organizada que as outras, mais forte na perseguição de um só fim. (...) Quando, durante os últimos dois anos, o movimento dos trabalhadores começou a se fortalecer, Lenin e seus seguidores se aproximaram mais dos trabalhadores do que os outros” (TROTSKY, 1941, p. 162). Além disso, enquanto o otimista Lenin argumentou, em janeiro de 1913, que “a ascensão revolucionária é incomparavelmente maior hoje do que foi antes da primeira revolução” (LENIN, 1977, p. 471), os mencheviques, frequentemente, não eram participantes propriamente entusiastas do movimento, levantando temores de uma “febre grevista” (McKEAN, 1990, p. 109). Adicionalmente, os bolcheviques continuaram, durante a Primeira Guerra, a agitar em prol de greves políticas enquanto mencheviques e socialistas revolucionários “defensistas” abstiveram-se de tais ações (CLIFF, 1976, p. 22-43).

O foco deste artigo é o movimento de greve na maior fábrica metalúrgica de Moscou. A evidente polarização de classe por toda a sociedade russa reverberou poderosamente na Metalúrgica de Moscou. Seu proprietário, Iulli Guzhon, personificou tanto o paternalismo quanto a intransigência do liberalismo das empresas russas, ao oferecer educação gratuita para sua força de trabalho, mas também uma

oposição linha-dura em relação ao movimento dos trabalhadores. Do massacre de Lena, em 1912, ao fim de 1916, os trabalhadores dessa fábrica pararam por 19 vezes, com a participação de quase quinze mil empregados. Oito dessas greves foram abertamente políticas e incluíram mais de sete mil trabalhadores (MURPHY, 2005).

O ponto mais baixo do ativismo dos trabalhadores russos veio nos anos de repressão depois da Revolução de 1905. Em 1910, pouco mais de 200 greves aconteceram, envolvendo menos de 50 mil trabalhadores (HAIMSON; BRIAN, 1992, p. 444). Estudantes manifestaram-se no outono de 1910 em comemoração à morte do ex-presidente liberal da Duma, Muromstev; a seguir, em memória de Leon Tolstói, e depois contra o tratamento aos prisioneiros políticos. A morte de Tolstói, em 1910, também estimulou greves de demonstração nos redutos do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) em Bromley, Gustav List, Bari e outras fábricas. Em 1911, uma greve geral estudantil contra a repressão estatal se espalhou por toda a Rússia, e a efervescência generalizada criou uma atmosfera na qual estudantes se radicalizavam e iniciavam contatos com os trabalhadores (MURPHY, 2005, p. 18-19).

O massacre de Lena assinalou o renascimento da militância da classe operária em escala massiva. No dia 4 de abril de 1912, tropas do governo abriram fogo contra mineiros grevistas de Lena, deixando 500 mortos e feridos (MELANCON, 1994). Por todo o império, trabalhadores responderam com uma demonstração de força. Durante o pós-Lena e as greves de Primeiro de Maio, várias semanas depois, a polícia estimou quase 300 mil trabalhadores paralisados somente em São Petersburgo, uma quantia que excedia o número total de participantes grevistas, em toda a nação, entre 1909 e 1911 (MCKEAN, 1990, p. 495; HAIMSON; BRIAN, 1992, p. 444).

Na Metalúrgica de Moscou, segundo a Okhrana,<sup>1</sup> os bolcheviques participaram de “um grupo que tinha por objetivo organizar uma greve na fábrica (...) contra os melhores desejos e interesses dos

---

1 Polícia política secreta do Czar (N. do T.).

trabalhadores bem-intencionados”<sup>2</sup> Participantes descreveram que duzentos trabalhadores, em sua maioria jovens, entraram em greve, se encontraram em Vadlinsky Woods, realizaram discursos sobre o massacre, cantaram a *Marseillaise* e levantaram a bandeira vermelha.<sup>3</sup>

A pequena organização bolchevique de Moscou fez da fábrica uma prioridade política, com quase 10% de seus membros trabalhando na planta da fábrica, mas as prisões e demissões provocadas pela Okhrana frustraram esses esforços. Relatórios da Okhrana e memórias de trabalhadores indicam que quase toda a célula foi presa em repetidas incursões entre abril e agosto de 1912. A Okhrana de Moscou deteve socialistas ao longo de todo o período; com dezenove membros do POSDR presos em 15 de abril de 1912, outros oito em maio, quinze em agosto, sete em setembro e mais seis em novembro.<sup>4</sup> Em outubro de 1912, a Okhrana prendeu dezessete socialistas revolucionários por se organizarem em apoio aos marinheiros submetidos à corte marcial.<sup>5</sup> Um organizador bolchevique que trabalhou em várias cidades afirmou que Moscou “quebrou o recorde de agentes provocadores”, e os esforços para restaurar o Comitê de Moscou “inevitavelmente ficaram vinculados a esses provocadores” (BOBROVSKAYA, 1978, p. 222-223). Planos para estabelecer uma imprensa bolchevique no distrito entraram em colapso em 1912, porque o trabalhador mais ativo se revelou, na verdade, um agente da Okhrana. Já em 1913, uma tentativa de restabelecer a célula bolchevique falhou quando a polícia secreta prendeu cinco bolcheviques nos dias que antecederam o Primeiro de Maio (ARUTIUNOV, 1975, p. 214).

2 GARF, f. 63, op. 32, d. 1497, l. 22. *Relatório Okhrana*, 12 jun. 1912.

3 GARF, f. 7952, op. 3, d. 265, l. 17. *Lembranças de Seruev*; d. 271, l. 306. *Memórias de S.S Gerasimov*; d. 274, ll. 40, 103. *Memórias de P.L. I. Lavrent’ev Lidvanskii*; d. 275, ll. 17, 49. *Memórias de P.V. Lazrenov, S. S. Leshkovtsev*; RGASPI f. 70, op. 3, d. 150, l. 88, *Lembranças de F. I. Karpukhin da RSDWP* no distrito de Rogozhskaia, 1906-1917.

4 GARF, f. 63, op. 32, d. 934, ll. 1, 7, 8, 13, 16; d. 1019 l. 3, d. 1422, l.1; d. 1573, l.1, 1578, l. 5. *Relatórios Okhrana*, 1912.

5 GARF, f. 63, op. 32, d. 1645, ll. 1-8. *Relatórios Okhrana*, nov. 1912.



A Okhrana também tinha se infiltrado no grupo dos bolcheviques de São Petersburgo, mas a organização conseguiu manter suas operações e continuou a agir como um catalisador eficaz do movimento sindical. Apesar da existência de três agentes da Okhrana no Comitê Central de São Petersburgo e repetidas batidas policiais, o grupo foi capaz de se recuperar, reconstruir um centro e promover agitações em prol de greves, e seu número de membros cresceu para três mil em 1916 (SHLIAPNIKOV, 1921, p. 292). Em toda a cidade, os bolcheviques tinham apenas duzentos membros na primavera de 1913 e cerca de seiscentos três anos antes (ARUTIUNOV, 1975, p. 214).

Logo após a greve de Lena, empregados exigiram a Guzhon uma jornada de trabalho de oito horas e organizaram greves econômicas em diferentes oficinas.<sup>6</sup> A greve tornou-se cada vez mais acirrada quando a direção recrutou fura-greves do sul da Rússia.<sup>7</sup> Em julho, novos trabalhadores começaram a trabalhar na fábrica. Um deles contou à Okhrana que grevistas o seguiram desde a fábrica e o ameaçaram, dizendo que “eles iriam cuidar dele”; outro alegou que grevistas o ameaçaram de “jogá-lo para fora da ponte”.<sup>8</sup> O gabinete do prefeito enviou uma ordem à chefia da Okhrana do distrito, pedindo-lhe para “encontrar na fábrica aqueles os mais canalhas e que dão o tom para os outros”.<sup>9</sup> Em resposta, a Okhrana relatou que oito trabalhadores tinham desempenhado papéis importantes na greve e que ao menos três eram membros ou simpatizantes dos bolcheviques, um dos quais, segundo um agente infiltrado da Okhrana, havia trabalhado na

6 GARF, f. 63, op. 32, d. 1142, ll. 1-2, 9. *Despachos telefônicos Okhrana*, 12, 17 e 21 jul. 1912.

7 GARF, f. 7952, op. 3, d. 255, l. 83. *Lembranças de Ermolaev*.

8 GARF, f. 63, op. 32, d. 1148, ll. 12, 22. *Despacho telefônico Okhrana*, 26 jul. 1912; *Relatório Okhrana*, 1 ago. 1912. Sob interrogatório, ambos os líderes acusados negaram ter intimidado trabalhadores fura-greves.

9 GARF, f. 63, op. 32, d. 1148, l. 11. *Relatório Okhrana*, 21 jul. 1912

fábrica por dezoito anos e “desfrutava de certo grau de popularidade entre os trabalhadores da fábrica”.<sup>10</sup>

Uma característica que distinguia o movimento pós-Lena era a ausência de participação de mulheres e jovens trabalhadores. Embora ganhassem baixos salários, esses setores “permaneciam de fora do movimento e não participavam das greves”.<sup>11</sup> Relatórios da Okhrana sobre greves e prisões subsequentes sugerem que os próprios organizadores aparentemente fizeram pouco para envolver mulheres, concentrando seus esforços em tradicionais redutos socialistas, nas indústrias gráficas e metalúrgicas. Uma onda de greves no começo de novembro, em apoio a marinheiros de Sebastopol submetidos à corte marcial, era esmagadoramente masculina; apesar disso, mulheres trabalhadoras, incluindo quatrocentas da Metalúrgica Bonaker, participaram efetivamente do movimento.<sup>12</sup>

A relativa fraqueza da influência revolucionária, entretanto, fez com que mesmo homens trabalhadores mais velhos na fábrica se abstivessem da atividade grevista. Sessenta mil trabalhadores de São Petersburgo entraram em greve em apoio aos marinheiros de Sebastopol envolvidos em um motim, uma ação apoiada por 14 mil trabalhadores em 82 fábricas em Moscou, incluindo nove fábricas no distrito (MCKEAN, 1990, p. 495).<sup>13</sup> Na primavera de 1913, a Okhrana estava confiante de que tinha novamente conseguido obliterar o movimento revolucionário clandestino, ao antecipar uma livre manifestação no aniversário do massacre de Lena, porque, “para ter qualquer evento organizado, uma agitação adequada é necessária, o que supõe a presença de algum tipo de organização partidária clandestina”. Entretanto, “graças às prisões mais recentes, foi arrancado tudo aquilo considerado mais ou menos capaz de até mesmo criar

---

10 GARF, f. 63, op. 32, d. 1148, ll. 18-19; d. 1206, ll. 11, 19-32. *Relatórios Okhrana*, ago. e set. 1912.

11 GARF, f. 7952, op. 3, d. 276, l. 13. I. F. *Memórias de Toptov*.

12 GARF, f. 63, op. 32 (1912), d. 1645, ll. 74-217.

13 GARF, f. 63, op. 32, d. 1645, ll. 7, 8, 74-76, 97, 150-152. *Relatórios Okhrana*, nov. 1912.

uma aparência de tal atividade (...) os portadores mais conscientes dos ideais social-democratas estão aterrorizados<sup>14</sup>

No Primeiro de Maio de 1913, quatro semanas depois da polícia secreta alegar que o movimento clandestino revolucionário havia sido esmagado, 33 mil trabalhadores de Moscou entraram em greve.<sup>15</sup> O ressurgimento das greves políticas de Moscou continuou em junho, sendo 48 das 57 paralisações abertamente políticas, ainda que apenas uma pequena minoria dos empregados da Metalúrgica de Moscou tenha participado, em razão das sucessivas prisões anteriores. As maiores greves aconteceram nos redutos social-democratas da Gráfica Sytin, Dinamo e Bari. Em contrapartida, trabalhadores nas fábricas de Guzhon não participaram. Em 24 de junho, novas greves incluíram seis fábricas no distrito, mas apenas 198 dos 2.759 empregados da Metalúrgica de Moscou se engajaram, três dias depois.<sup>16</sup>

Em julho de 1913, Guzhon expressou preocupação a outros proprietários de fábricas pelo fato de que o “atual movimento grevista que ocorre em organizações industriais de Moscou não exhibe uma clara forma econômica e a essência das demandas e outras características são uma reminiscência de 1905, com todas as qualidades de uma demonstração política”. Novamente, a resposta dos industriais foi exigir medidas duras. Fábricas metalúrgicas pediram que se “listassem os nomes dos grevistas mais fervorosos” e requisitaram que membros fizessem circular informações sobre os líderes do movimento.<sup>17</sup> Embora Guzhon estivesse justificadamente preocupado com a nova emergência de greves políticas, apenas uma segunda ação política se deu em sua Metalúrgica em 1913, em setembro, quando apenas 75

14 GARF, f. 63, op. 33, d. 1399, l. 38. *Relatório Okhrana*, 3 abr. 1913.

15 RGIAGM, f. 1076, op. 1, d. 17, l. 31; TSMAM f. 526, op. 1, d. 24, l. 24. *Carta de Guzhon à MSFMO*, 1 mai. 1914.

16 GARF, f. 63, op. 33, d. 1399, ll. 113-115, 171, 209. *Relatórios Okhrana*, jun. 1913

17 RGIAGM, f. 1076, op. 1, d. 17, l. 15. *Carta de Guzhon*, 12 jul. 1913.

empregados pararam de trabalhar em protesto contra a perseguição à imprensa operária em Moscou.<sup>18</sup>

Uma comparação com a fábrica de Bromlei, uma planta de metalurgia em que existia uma forte célula bolchevique, ilustra o grau em que os trabalhadores responderam à agitação no chão da fábrica (ARUTIUNOV, 1975, p. 374). Em Bromlei, 900 trabalhadores (em um universo de mil) fizeram greve no aniversário do massacre de Lena, enquanto os empregados da Metalúrgica de Moscou continuaram a trabalhar. No Primeiro de Maio de 1913, 800 trabalhadores de Bromlei pararam de trabalhar, mas, novamente, não houve relatos de paralizações na fábrica de Guzhon. No início da greve em defesa dos marinheiros do Báltico, em junho, 600 empregados de Bromlei deixaram a fábrica, mas menos de 200 empregados da Metalúrgica de Moscou participaram, no último dia da ação. Os mil trabalhadores de Bromlei lideraram a onda grevista, em novembro de 1913, em apoio a trabalhadores presos de São Petersburgo; os empregados da empresa de Guzhon não participaram.<sup>19</sup>

O enfraquecimento bolchevique fez com que os socialistas-revolucionários dessem o tom das ações de greve políticas na fábrica durante o período pré-revolucionário. Um membro destes escreveu que eles tinham atraído 50 jovens trabalhadores, organizado um círculo de estudo, um grupo de teatro e aparentemente lideraram uma exitosa greve econômica na oficina de fundição de aço em abril de 1913.<sup>20</sup> Um militante bolchevique também admitiu que os socialistas-revolucionários tiveram uma influência maior na organização das ações de greve políticas nesse período.<sup>21</sup>

Às vésperas da guerra, a hostilidade sectária pareceu ter diminuído visto que socialistas cooperaram em uma tentativa de fundar o

---

18 GARF, f. 63, op. 32, d. 191 T2, l. 494. *Relatório Okhrana*, 2 out. 1913

19 GARF, f. 63, op. 33, d. 338, ll. 43-4; d. 1399, l. 141; d. 1400, ll. 210-211. *Relatórios Okhrana*, 1913.

20 GARF, f. 7952, op. 3, d. 275, l. 79. *Memórias de M.G. Obédkov*. GARF, f. 7952, op. 3, d. 256, ll. 47-60, d. 273, l. 97. *Recordações e memórias de F.I Karpukhin*.

21 GARF, f. 7952, op. 3, d. 265, l. 23. *Recordações de Klimanov*.

sindicato dos metalúrgicos na fábrica, assim como eles fizeram em outras unidades de Moscou (BONNELL, 1983, 415). Um de seus membros observou um fortalecimento dos laços entre diferentes fábricas, incluindo um fundo geral de greve criado por meio da cooperação entre esses, bolcheviques, mencheviques e o sindicato dos metalúrgicos.<sup>22</sup> A colaboração renovada provavelmente estimulou várias greves econômicas, a primeira delas na primavera de 1913. O *Pravda* informou uma paralisação de trabalhadores na oficina de fundição de aço em março de 1914.<sup>23</sup> Relatos de trabalhadores também mencionam duas greves curtas de um dia: uma na oficina de cabos, que foi derrotada, e a segunda na oficina de parafusos, que resultou em uma elevação de salários.<sup>24</sup>

Em 15 de março de 1914, Guzhon relatou aos proprietários que “a mais recente demonstração dos trabalhadores em São Petersburgo mostra uma reverberação extremamente fraca” em Moscou, com a participação de apenas 700 trabalhadores. Poucos dias depois, 400 empregados entraram em greve em Moscou, mas, nesse momento, o movimento em São Petersburgo, que contara com 50 mil trabalhadores, havia desmoronado.<sup>25</sup> Porém, no Primeiro de Maio de 1914, Guzhon informou a associação dos fabricantes de Moscou que mais de 20 mil trabalhadores, de 73 empresas, tinham parado em Moscou.<sup>26</sup> Mais de um milhão de trabalhadores entraram em greve nos primeiros sete meses de 1914, um nível de atividade grevista comparável àquele da revolta de 1905. Em julho de 1914, depois das tropas do governo atirarem em trabalhadores de Putilov, desenvolveu-se

---

22 GARF, f. 7952, op. 3, d. 256, ll. 47-60; d. 273, l. 97. *Recordações e memórias de F. I. Karpukhin*.

23 *Pravda*, 18 mar. 1914.

24 GARF, f. 7952, op. 3, d. 256, l. 54, d. 275, l. 91, d. 76, l. 59. *Recordações de F. I. Karpukhin; Memórias de M. G. Obédkov, e E. D. Tumanov*.

25 RGIAGM, f. 526, op. 1, d. 24, ll. 79, 81. *Relatório de Guzhon a MSFMO*, 14 e 19 mar. 1914.

26 RGIAGM, f. 1076, op. 1, d. 17. l. 31. *Carta de Guzhon a MSFMO*, 1 mai. 1914.

uma greve geral e trabalhadores ergueram barricadas nas ruas de São Petersburgo (MCKEAN, 1990, p. 297 - 317).

Duas greves políticas lideradas pelos socialistas-revolucionários, em 1914, ilustram a importância da agitação socialista no chão da fábrica. Em 26 de abril, a direção informou ao inspetor de fábrica que 1.120 trabalhadores de Guzhon tinham entrada em greve “em razão da expulsão de alguns membros da Duma de várias sessões”. A greve englobou todos os trabalhadores em três oficinas menores, e a única grande oficina com uma forte presença – a de fundição de aço – era reduto dos socialistas-revolucionários.<sup>27</sup> A paralisação em resposta à greve geral de 1914, de 120 mil trabalhadores em São Petersburgo, foi maior e mais bem organizada. A direção informou aos inspetores de fábrica que 1.500 empregados da Metalúrgica de Moscou (do total de três mil) entraram em greve no dia 7 de julho. As cartas da direção ao inspetor de fábrica indicam que essa foi uma ação bem organizada: os trabalhadores deixaram a fábrica, em uníssono, às oito horas da manhã no dia 7 de julho e no outro dia retornaram “no horário usual e começaram a trabalhar”.<sup>28</sup> Dois dias depois, os mesmos trabalhadores, “depois do almoço, novamente pararam de trabalhar como forma de protesto contra a imposição de multas em decorrência paralisação não autorizada de trabalho anterior”. A oficina de fundição de aço dominada pelos socialistas revolucionários foi, novamente, a única grande oficina a participar.<sup>29</sup>

A Primeira Guerra Mundial praticamente cessou a militância da classe trabalhadora. A Inspeção de Fábrica relata 3.493 paralisações nas quais 1.327.897 trabalhadores participaram nos primeiros sete meses de 1914, mas apenas 9.562 trabalhadores participaram de 41 greves nos últimos cinco meses desse ano (HAIMSON; BRIAN, 1992, p.

---

27 RGIAGM, f. 498, op. 1, d. 211, l. 5. *Carta da administração para o inspetor abril*, 26 abr. 1914.

28 RGIAGM, f. 498, op. 1, d. 211, l. 10. *Carta da administração para o inspetor abril*, 08 jul. 1914.

29 RGIAGM, f. 498, op. 1, d. 195, ll. 251-253; d. 211, ll. 10-12. *Cartas da administração para o inspetor abril*, 08, 09 e 10 jul. 1914.

444-445). Nenhuma greve foi registrada na Metalúrgica de Moscou.<sup>30</sup> “No início de guerra”, escreveu um líder dos socialistas revolucionários, “houve uma interrupção completa de greves e depois, embora elas tenham ocorrido, foram pequenas e de curta duração”.<sup>31</sup> O declínio da atividade grevista contrastava com a deterioração dos padrões de vida dos trabalhadores, já que a direção utilizou o ânimo patriótico para cortar, em março de 1915, o salário mensal médio de 48,3 para 34,1 rublos.<sup>32</sup> Em outro relato de memórias, foi recordado que, durante o primeiro ano de guerra, “[o período] era tenso e você não poderia dizer uma só palavra contra a guerra (...) depois da tomada de Przemysl, trabalhadores foram levados para a Praça Vermelha para um culto de oração” e aquele não participasse “era considerado um oponente de guerra”.<sup>33</sup>

Ações com motivações econômicas começaram a ressurgir nos primeiros sete meses de 1915, com 231.794 trabalhadores envolvidos em 523 greves. As greves políticas permaneceram fracas, visto que apenas 18.008 trabalhadores em todo o império participaram em 42 paralizações muito menores no primeiro ano da guerra, sendo a maior em Moscou (3.098 trabalhadores no total), em março de 1915, em apoio a deputados bolcheviques da Duma que estavam sendo julgados (*IDEM, IBIDEM*, p. 446). A primeira greve em tempo de guerra, em 15 de abril de 1915, mostrou o quanto a solidariedade tinha declinado. A Okhrana relatou que 80 trabalhadores do turno da noite da oficina de metais laminados recusaram a oferta da direção de um aumento de 10% a 30% e, então, fizeram greve exigindo um aumento de 50% a 100%.<sup>34</sup> A estratégia de Guzhon para derrotar essa greve incluiu uma combinação de compromisso e intimidação. No mesmo dia,

30 GARF, f. 7952, op. 3, d. 209, l. 24. *Lista fabril das greves realizadas no tempo de guerra.*

31 GARF, f. 7952, op. 3, d. 271, l. 38. *Memórias de V. N. Arapov.*

32 RGIAGM, f. 2322, op. 1, d. 3, l. 246. *Relatório mensal de salários*, 8 mai. 1916.

33 GARF, f. 7952, op. 3, d. 276, l. 117. *Memórias de E.D. Tumanov.*

34 GARF, f. 63, op. 35, d. 25 T1, l. 88. *Relatório Okhrana*, 15 abr. 1915.

a direção informou o diretor de fábrica que “em razão do aumento dos preços das mercadorias, todos os trabalhadores na fábrica receberiam um aumento de dez copeques por hora”.<sup>35</sup> O salário mensal médio pulou de 34,1 para 52,5 rublos – o maior aumento salarial da fábrica em tempos de guerra.<sup>36</sup> A direção também demitiu 34 grevistas.<sup>37</sup> Adicionalmente, a direção aparentemente vitimou os operários de laminação restantes, pois seus salários reais caíram pela metade em relação ao patamar de 1913.<sup>38</sup> Um ativista admitiu que “as coisas correram mal” durante a greve, porque “outras oficinas não a apoiaram”. Foi significativo que as divisões de seções entre trabalhadores qualificados mais antigos e jovens trabalhadores foram fortalecidas no início da guerra: “nós tínhamos vários trabalhadores jovens e, naquele período, era impossível levantar a questão da igualdade na oficina”.<sup>39</sup>

O sentimento nacionalista no início da guerra ajudou a preparar o terreno para agitações antigermânicas depois da retirada das tropas russas de Przemysl, em maio de 1915. Dezenas de milhares de trabalhadores moscovitas, incluindo empregados da Metalúrgica de Moscou, saquearam e pilharam negócios e fábricas de propriedade de alemães. Porém, as perdas contínuas de guerra, a deterioração do nível econômico dos trabalhadores e a percepção de que foram policiais que comandaram os tumultos e, depois, prenderam outros participantes, tudo, enfim, minou o ânimo patriótico (MURPHY, 2005, p. 29-31).

Memórias de trabalhadores indicam que, após os tumultos, o ânimo político começou a mudar. “Logo após o fim das perseguições, em maio de 1915”, recordou um ativista, “os trabalhadores começaram a

---

35 RGIAGM, f. 498, op. 1, d. 229, l. 20. *Carta da administração para o inspetor fabril*, 15 abr. 1915.

36 RGIAGM, f. 2322, op. 1, d. 3, l. 246. *Relatório mensal de salários*. 8 mai. 1916.

37 RGIAGM, f. 1076, op. 1, d. 17, l. 62. *Carta do vice-presidente da MSFMO*, 20 abr. 1915

38 GARF, f. 7952, op. 3, d. 209, l. 24. *Estatísticas fabris coletadas depois da Revolução*.

39 GARF, f. 7952, op. 3, d. 265, l. 81. *Memórias de Kochergin*.



expressar sua insatisfação com a guerra”.<sup>40</sup> Um ativista bolchevique escreveu que “camaradas retomaram novamente o trabalho que havia sido interrompido” depois das revoltas.<sup>41</sup> Outro trabalhador de Guzhon descreveu a deterioração dos padrões de vida e a crescente insatisfação política com o regime: “nossos trabalhadores qualificados começaram discussões sobre eventos políticos (...) de que o Czar era um tolo incapaz de governar e de que Rasputin comandava a Rússia”. O movimento clandestino revolucionário tornou-se mais ousado, colocando panfletos políticos no banheiro comum próximo à oficina de chapas metálicas, que exigiam “a derrubada do Czar e que os trabalhadores fossem armados. Frequentemente, esses panfletos incluíam citações de discursos de sessões da Duma de deputados bolcheviques”.<sup>42</sup>

No fim do verão, o fervor patriótico havia se dissipado, dando o lugar a um novo ciclo de militância. Em agosto de 1915, 650 trabalhadores na oficina de metais laminados fizeram greve por sete dias, e obtiveram êxito na primeira paralisação por motivos econômicos em tempos de guerra, o que garantiu um pequeno aumento salarial.<sup>43</sup> Em um encontro do Conselho de Ministros Russos, no dia 2 de setembro de 1915, o Ministro de Assuntos Internos, Shcherbatov, advertiu: “o testemunho de todos os agentes é unânime (...) o movimento operário irá se desenvolver a tal ponto que irá ameaçar a segurança do Estado” (CHERNIAVSKY, 1967, p. 234 - 237).

No dia seguinte, o Czar Nicolau suspendeu a sessão da Duma e isso desencadeou a maior onda grevista em tempos de guerra em Moscou. Alexander Shliapnikov escreveu que, em Moscou, durante o fim do verão de 1915, o aumento de preços e a destituição da Duma levaram a “encontros e reuniões em todos os lugares” (SHLIAPNIKOV 1982, p. 101). Guzhon relatou aos proprietários de fábricas de Moscou

40 GARF, f. 7952, op. 3, d. 275, l. 19. *Memórias de P.V. Lazrenov.*

41 GARF, f. 7952, op. 3, d. 276, l. 14. *Memórias de I.F. Toptov.*

42 GARF, f. 7952, op. 3, d. 273, l. 39. *Memórias de F.I. Karpukhin.*

43 RGEA f. 9597 op. 1, d. 16, l. 42. *História da fábrica Guzhon de M.I. Gil'berg.*

que, em 4 de setembro, 31.166 trabalhadores entraram em greve em 61 empresas. A agitação dos socialistas revolucionários novamente levou a Metalúrgica de Moscou a liderar o movimento, com a fábrica inteira paralisada ao mesmo tempo.<sup>44</sup> Em 5 de setembro de 1915, “trabalhadores em todos os departamentos apareceram ao trabalho no tempo prescrito, mas eles não começaram a trabalhar e, sem permissão, deixaram a fábrica sem requerer nenhum tipo de demanda”.<sup>45</sup> A Okhrana relatou que três mil trabalhadores de Guzhon tinham “parado de trabalhar por dois dias como forma de protesto em relação ao incidente de interrupção de atividade da Duma”.<sup>46</sup>

Essa breve militância dos socialistas-revolucionários durante a guerra era excepcional, já que seus membros em Moscou tendiam a serem mais conservadores do que em Petrogrado. Em 19 de agosto de 1914, os socialistas-revolucionários resolveram que, em razão do “caráter libertador da guerra”, nenhuma tentativa deveria ser feita para impedi-la. No entanto, em resposta ao crescimento do sentimento antigovernista em decorrência da destituição da Duma, seus membros de Moscou brevemente se moveram à esquerda, desempenhando um importante papel na onda grevista de setembro de 1915, mas recuaram novamente depois de outra série de prisões. Os socialistas revolucionários de Moscou reuniram-se para aprovar resoluções que deixaram de enfatizar greves e demonstrações em favor da construção de sua organização partidária (MELANCON, 1990, p. 67 - 81).

Por outro lado, os bolcheviques encontravam-se tão fracos no distrito que, em setembro de 1916, o seu Comitê de Moscou decidiu unir os distritos de Lefortovo e Rogozhskii que juntos tinham apenas 33 membros: dez em Dinamo e em outras células pequenas em Bari, Guzhon, Tsindel', e Postavshchik. Dinamo era a única célula que sobreviveu a uma varredura da Okhrana em outubro, e continuou desencadeando

---

44 RGIAGM, f. 179, op. 21, d. 3391, l. 153. *Carta de Guzhon para MSFMO*, n.d., set. 1915.

45 RGIAGM, f. 498, op. 1, d. 241, l. 4. *Carta da administração ao inspetor fabril*, 5 set. 1915.

46 GARF, f. 63, op. 32, d. 191 T5, l. 263. *Relatório Okhrana*, 2 out. 1915.

três greves políticas em 1916 (KARLOVA, 1961, p. 135 - 137). Os bolcheviques tiveram um momento difícil ao agirem de forma isolada em Moscou, com apenas 23.566 participantes em greves políticas em 1916, enquanto a mais forte organização bolchevique, em Petrogrado, mobilizou um número dez vezes maior (256.067), incluindo 138.076 trabalhadores em apoio aos marinheiros do Báltico submetidos à corte marcial em outubro (HAIMSON; BRIAN, 1992, p. 444).

A despeito da ausência de paralizações com demandas explicitamente econômicas, sete greves econômicas em um ano e meio antes de 1917 demonstram uma confiança operária renovada e organizações aperfeiçoadas em face das ameaças de represálias da Okhrana e da direção. Duas greves, em agosto de 1915, contaram com 400 e 650 trabalhadores, ampliadas para além de uma só oficina, e duraram nove e sete dias respectivamente. Uma greve de dois dias, em dezembro de 1915, envolveu aproximadamente 500 trabalhadores. Greves em 1916 foram ainda mais fortes: 3 mil trabalhadores participaram em uma paralisação de maio, 760 entraram em greve em junho e mais de mil participaram de uma greve de oito dias em setembro, com outros 489 abandonando o trabalho por seis dias em dezembro.<sup>47</sup>

Das greves em tempos de guerra, a paralisação de maio de 1916 foi a mais bem organizada. Os gerentes de fábrica, possivelmente percebendo problemas, expediram um comunicado de fábrica, em 30 de abril, que aumentou benefícios de seguro para trabalhadores e seus dependentes.<sup>48</sup> No dia 2 de maio, 3 mil empregados pararam de trabalhar e exigiram um aumento no valor mínimo de 2,5 para 4 rublos.<sup>49</sup> No dia seguinte, de acordo com a direção, alguns departamentos começaram a trabalhar, mas, sob a ameaça de grevistas em outras oficinas, a greve logo abarcou toda a fábrica. Às 9h30 da manhã, trabalhadores de todos os departamentos se reuniram no escritório central

---

47 GARF, f. 7952, op. 3, d. 209, l. 24. *Lista das greves econômicas fabris durante a Guerra que omite as paralizações de maio*. GARF, f. 63, op. 33, d. 1403, l. 32, *Relatório Okhrana*, 2 mai. 1916.

48 RGIAGM, f. 498, op. 1, d. 249, l. 9. *Anúncio fabril*, 30 abr. 1916.

49 GARF, f. 63, op. 33, d. 1403, l. 32. *Relatório Okhrana*, 2 mai. 1916.

e entregaram à administração de fábrica uma lista de exigências, as quais incluíam: dobrar o pagamento por doença; salários mínimos de 15 copeques para aprendizes e mulheres, 25 copeques para trabalhadores homens e 30 copeques para trabalhadores qualificados; terminar o trabalho às 14h30 aos sábados e dias que antecedem feriados; e prover o pagamento de salários e bônus aos sábados.<sup>50</sup>

As novas queixas refletiam uma mudança demográfica em direção a uma força de trabalho de trabalho mais jovem e feminina que ocorreu durante a guerra. Enquanto na véspera da guerra trabalhadores adolescentes perfaziam 15,7% da força de trabalho, dois anos depois eles correspondiam a 26,6%. De modo similar, o número de mulheres tinha crescido de forma constante de 193, em julho de 1914, para 363 em dezembro de 1916, um aumento de 5,8 % para 13,1% da força de trabalho, com mulheres trabalhando em seis oficinas ao invés de apenas duas como antes faziam.<sup>51</sup> Assim, o projeto de forjar unidade contra a direção necessitou a redação de demandas mais abrangentes que visavam os interesses de uma minoria cada vez mais significativa. A greve terminou, aparentemente, pelo menos, numa vitória parcial para os trabalhadores.

A Okhrana relatou, no dia 3 de maio, após o almoço, que todos os trabalhadores, com exceção de 700 operários nas oficinas de metais laminados e de reparo, retornaram ao trabalho.<sup>52</sup> Alguns trabalhadores expressaram insatisfação com os resultados, e uma greve subsequente de 22 dias por 760 trabalhadores, em junho, foi a mais longa do período pré-revolucionário. Um livro de memórias descreveu as dificuldades de se manter uma ação tão longa porque na “terceira semana da greve, o ânimo de muitos trabalhadores foi atingido. Muitos foram forçados a vender suas coisas para sobreviver de algum modo”. Na quinta semana, muitos operários retornaram secretamente

---

50 GARF, f. 7952, op. 3, d. 210, l. 93. RGIAGM, f. 498, op. 1, d. 249, l. 7. *Relatório da administração para inspetor fabril*, 3 mai. 1916.

51 TsGAMO, f. 186, op. 3, d. 3, ll. 14-17. *Estatísticas de emprego fabril*.

52 GARF, f. 63, op. 33, d. 1403, l. 34. *Relatório Okhrana*, 3 mai. 1916.

a trabalhar, e na sexta semana “quase todos” retornaram. A direção conseguiu parar a greve com “alguns camaradas” não retornando ao trabalho, pois eles estavam “sujeitos à repressão”.<sup>53</sup>

No contexto da ascensão do movimento da classe trabalhadora, tais táticas da direção apenas incitaram uma organização operária mais efetiva. A greve de oito dias de mais de mil trabalhadores, em setembro e outubro de 1916, expôs o nível elevado da solidariedade, organização e confiança dos trabalhadores. A Okhrana relatou que essa foi a única greve do distrito no mês.<sup>54</sup> Para evitar vitimizações, as oficinas elegeram delegados para se encontrar com Guzhon e os trabalhadores não deixaram a fábrica.<sup>55</sup> A greve iniciou-se nas oficinas de modelagem e fundição, em 26 de setembro, e se espalharam, no dia seguinte, para as oficinas de parafusos e cabos. Os números de empregados mostram que a greve abrangeu todos os empregados nas quatro oficinas, incluindo 123 mulheres em três oficinas e 33 trabalhadores adolescentes. Essa foi também uma greve oportuna, visto que a direção se queixou por ela ter causado atrasos em “ordens de vários itens necessários para a defesa do Estado”. A direção foi obrigada a solicitar ao inspetor para certificar que a greve havia causado o atraso, informando que, no dia 5 de outubro, a greve tinha sido “liquidada”, mas não forneceram detalhes do resultado.<sup>56</sup>

Uma greve de seis dias realizada por quase 500 trabalhadores, em dezembro, foi a última ação do período pré-revolucionário, e novamente mostrou um alto nível de organização com sólida participação de toda a oficina de modelagem e delegados eleitos no intuito de evitar perseguições.<sup>57</sup> Os trabalhadores exigiram o pagamento pelos dias em que era impossível trabalhar em razão do congelamento das má-

53 GARF, f. 7952, op. 3, d. 275, ll. 19-20. *Memórias de P.V Lazrenov.*

54 GARF, f. 63, op. 12, d. 191 T5, l. 578. *Relatório Okhrana, set. 1916.*

55 GARF, f. 7952, op. 3, d. 275, ll. 92-93. *Memórias de M.G. Ob'edkov.*

56 TsGAMO, f. 186, op. 3, d, 3, l. 16. *Estatísticas mensais de emprego.* RGIAGM, f. 498, op. 1, d. 272, l. 1. *Relatório da administração para o inspetor fabril, 11 out. 1916.*

57 GARF, f. 7952, op. 3, d. 209, l. 24.

quinas e, a despeito da ameaça de envio de militares reservistas para o front, quase todos os trabalhadores em várias oficinas entraram em greve.<sup>58</sup> A greve terminou com uma vitória parcial dos trabalhadores, pois a direção cedeu a algumas das demandas.<sup>59</sup>

O movimento grevista na Metalúrgica de Moscou ilustra várias características do movimento grevista pré-revolucionário. Em primeiro lugar, todas as fontes contemporâneas sugerem que os revolucionários – tanto bolcheviques quanto depois socialistas-revolucionários – desempenharam um papel expressivo na organização das greves. Em segundo lugar, a repressão da Okhrana em Moscou foi particularmente severa e, diferentemente de Petrogrado, os bolcheviques tiveram um momento difícil ao organizarem de forma isolada as greves políticas. Em terceiro lugar, os trabalhadores aprenderam por meio do conflito de classe. Houve uma tendência de longo prazo para que os trabalhadores se tornassem mais bem organizados e mais abrangentes em suas demandas na tentativa de combater os empregadores e a Okhrana.

#### Referências Bibliográficas

- ARUTIUNOV, G. A. *Rabochie dvizhenie v Rossii v periode novogo revoliutsionnogo podëma 1910-1914 godov*. Moscow, 1975.
- BOBROVSKAYA, Celilia. *Twenty Years in Underground Russia*. Chicago, 1978.
- BURDZAHALOV, E.N. *Russia's second Revolution: The February 1917 Uprising in Petrograd*, Bloomington, Indiana, 1987.
- CHERNAVSKY, Michael (ed.). *Prologue to Revolution*. New Jersey: Englewood Cliffs, 1967.
- CLIFF, Tony. *Lenin: All Power to the Soviets*. London, 1976. v. 2

58 GARF, f. 7952, op. 3, d. 257, ll. 1-2. *Lembranças de P.N. Klimanov*.

59 GARF, f. 7952, op. 3, d. 274, l. 20. *Memórias de P.V. Lazrenov*.

HAIMSON, Leopold. The Problem of Social Stability in Urban Russia, 1905-1917 (I). *Slavic Review*, n. 23, p. 619-642, dec. 1964.

\_\_\_\_\_. The Problem of Social Stability in Urban Russia, 1905-1917 (II). *Slavic Review*, n. 24, p. 1-22, Mar. 1965.

HAIMSON, Leopold; BRIAN, Eric. Labor Unrest in Imperial Russia. In: HAIMSON, L.; SAPELLI, G. (eds.) *Strikes, Social Conflict and the First World War*. Milan, 1992.

KARLOVA, L. A. *Istoriia zavoda "Dinamo"*. Moscow, 1961.

KOENKER, Diane; ROSENBERG, William. *Strikes and Revolution in Russia 1917*. Princeton, 1989.

LENIN, V. I. *Collected Works*. Moscow, 1977. v. 18

LUXEMBURG, Rosa. *The Mass Strike, the Political Party and the Trade Unions*, 1906. Disponível em: <http://www.marxists.org/archive/luxemburg/1906/mass-strike/index.htm>.

McKEAN, Robert. *St. Petersburg Between the Revolutions: Workers and Revolutionaries*, Jun. 1907- Feb. 1917. New Haven, 1990.

MELANCON, Michael. The Ninth Circle: The Lena Goldfield Workers and the Massacre of 4 April 1912. *Slavic Review*, v. 53, n. 3, p. 786-795, 1994.

\_\_\_\_\_. *The Socialist Revolutionaries and the Russian Anti-War Movement: 1914 – 1917*. Columbus, 1990.

MINTS, I. I. *Istoriia velikogo oktiabria. Sverzhenie samodержavii*. Moscow, 1967. t.1

MURPHY, Kevin. *Revolution and Counter-revolution: Class Struggle in a Moscow Metal Factory*. New York: Haymarket, 2005.

SHLIAPNIKOV, Alexander. *On the Eve of 1917*. Recollections from the Revolutionary Underground. London: 1982.

TROTSKY, Leon. *Stalin*. New York, 1941.